

MENSAGEM DO SANTO PADRE para o Dia Mundial das Missões de 1968

O Santo Padre Paulo VI, felizmente reinante, dirigiu a toda a Igreja, no passado dia do Pentecostes, um sentido apelo, a propósito do «Dia Mundial das Missões», que ocorre no próximo dia 20, 3.º domingo de Outubro. Ouçamos a voz do Papa, que é a voz de Cristo, a chamar-nos ao cumprimento dos nossos deveres de cristãos. Para isso, publicamos, na sua maior parte, a mensagem tão oportuna do Vigário de Jesus Cristo

Aos nossos Irmãos no sacerdócio de Cristo!
Aos nossos Filhos da Santa Igreja Católica!

É chegada a hora das Missões.

Cada ano, desde há tempo, celebra-se em todo o mundo católico o Dia Mundial das Missões; este ano, essa jornada ocorre no dia 20 de Outubro.

Esta jornada quer ser uma ocasião para reavivar no coração de todos os fiéis a consciência da vocação missionária, própria de toda a Igreja. É uma vocação constitucional da Igreja; esta foi fundada para ser missionária. Chama-se católica a Igreja de Cristo; isto é, universal. Ela foi chamada a tornar-se de facto, na história, nas fileiras da humanidade, o que é já de direito, o que é por dever: o testemunho de Cristo para todos, o meio de salvação para todos (...) para penetrar nos espíritos com a sua luz de verdade, com o seu fermento de liberdade, com o seu estímulo ao trabalho na justiça e na fraternidade; para dar ao mundo a sua unidade religiosa, na harmonia das suas naturais e respeitáveis diferenciações étnicas, culturais, políticas. É católica por instituição, deve ser católica na realidade. (...)

As Missões são nossas, de cada um de nós, de cada comunidade de crentes: longínquas no espaço, devem estar próximas no coração. Se compreendemos o valor moral, que elas constituem para a solidariedade da fé e da caridade, o Dia das Missões deve ser um momento de atenção concentrada e operante para cada um de nós. Por isso, Nós vos dirigimos esta mensagem.

Desejamos falar-vos das dificuldades que as Missões estão a encontrar, hoje, perante o próprio desenvolvimento do mundo, e dos novos métodos de que deverão servir-se para conservar as posições alcançadas e para desenvolver, querendo Deus, o seu incremento.

Mas julgamos ser nosso dever apresentar agora à vossa consideração um outro aspecto da questão missionária, já muito conhecido, mas sempre actual e a repetir-se: o dos «meios». As Missões têm ainda hoje, e mais que nunca, necessidade de meios: vocações e ofertas. (...)

As necessidades dos territórios de missão são imensas, sob qualquer aspecto que sejam consideradas. São necessárias escolas, hospitais, igrejas, oratórios, leprosas, seminários, centros de formação e de repouso, viagens que nunca findam. O que pesa principalmente não é só a construção dos edifícios, mas o seu funcionamento, que comporta anualmente dispêndio de somas elevadas para a conservação das instalações, para a sustentação do pessoal e para a orgânica assistencial.

Os países de missão podem oferecer bem pouco para tal fim: trata-se geralmente de regiões em via de desenvolvimento, por vezes pobríssimas. Tudo pesa sobre a administração das Dioceses, cujas receitas são mínimas; pouquíssimos benfeitores locais, e raros os de outras partes. Trata-se muitas vezes de beneficência incerta, casual, dependente do bom coração e das possibilidades de doadores ocasionais.

Ora, Irmãos e Filhos, escutai-nos. Temos o dever de advogar, de modo especial, a causa das Obras Missionárias Pontifícias. Não é o interesse particular por estas instituições que Nos impele a antepor na consideração da vossa caridade tais Obras Missionárias Pontifícias a outras iniciativas, embora meritíssimas; é a indispensável ordenação da eficiência missionária e a equidade distributiva dos auxílios destinados à evangelização do mundo, que Nos impõem esta preferência. De resto, o Concílio a afirma: devem ser promovidas «especialmente as Obras Missionárias Pontifícias» (*Ad Gentes*, n. 38).

As Obras Missionárias Pontifícias da *Propagação da Fé*, de *S. Pedro Apóstolo* e da *Santa Infância* têm por fim interessar o Povo de Deus pela fundação da Igreja entre os povos e os grupos que ainda não crêem em Cristo, mediante a contribuição de auxílios espirituais e materiais.

Tal sistema de cooperação na actividade missionária da Igreja abraça todos os seus componentes, desde o Papa que agora vos fala até ao último dos fiéis.

Os Bispos, os Missionários, as Missionárias e os Sacerdotes locais encontram a única garantia segura nos auxílios das Obras Missionárias Pontifícias, as quais cada ano dividem por mais de oitocentas circunscrições missionárias o dinheiro recolhido no mundo inteiro. (...)

Os Bispos missionários não dispõem de um auxílio anual para a manutenção das suas dioceses e para realizar os seus projectos sem a *Obra Pontifícia da Propagação da Fé*; não seria possível continuar a formação do clero local se não fossem os subsídios distribuídos pela *Obra Pontifícia de S. Pedro Apóstolo* e não seria possível socorrer tantas crianças, sobretudo abandonadas e doentes, se não fosse a *Obra Pontifícia da Santa Infância*.

Cada Bispo, cada sacerdote, cada fiel, embora realize qualquer acti-

vidade de apostolado missionário, directa ou indirectamente em algum sector particular, deve prestar a sua colaboração também às actividades gerais da Igreja; isto é, às Obras Pontifícias, as quais ao mesmo tempo que são do Papa, são de todo o Episcopado e de todo o Povo de Deus. (...)

Não queremos deixar passar em silêncio o facto de que a generosidade da Hierarquia e dos Fiéis, prodigalizada por este modo às nossas Missões, entra dentro do convite feito pela nossa Encíclica «Populorum Progressio», porque se realiza com conhecimento de causa, com sabedoria encaminhada à sistemática elevação das populações assistidas pelas Missões e com aquela relativa continuidade que permite à pequena semente tornar-se em árvore forte e frondosa; contribui deste modo efectivamente para aquele desenvolvimento dos Povos, que deve conduzi-los da incipiente vitalidade civil e moral à auto-suficiência digna de nações livres e modernas.

Irmãos e Filhos! não vos cause aborrecimento este nosso discurso, mas seja antes eco dos nossos anelos pela difusão do Evangelho; eco do nosso reconhecimento por quanto haveis já feito em proveito das Missões; eco do nosso encorajamento a fazer ainda mais e melhor; eco especialmente da solene palavra de Cristo: «Dai e dar-se-vos-á; deitar-vos-ão no regaço uma medida boa, calcada, agitada e transbordante...» (Luc. 6, 38)

Nós não vos poderemos recompensar; mas Cristo, sim; e é o que nós auguramos, enviando a todos os benfeitores, aos protectores e protagonistas das Missões a nossa Bênção Apostólica.

Vaticano, 2 de Junho de 1968, Festa do Pentecostes

PAULO VI, PAPA

Fátima no Mundo

NA REPÚBLICA DA ÁFRICA CENTRAL

O arcebispo de Bangui, Mons. Cucherousset, benzeu recentemente a nova igreja da Missão de Nossa Senhora da Fátima, na República da África Central.

Situada num dos bairros mais populosos da cidade, a Missão de Nossa Senhora da Fátima foi aberta em 1950 pelos Missionários do Espírito Santo. Conta actualmente mais de 50.000 habitantes imigrados de várias zonas do país, dos quais 15.000 católicos, 8.000 protestantes e 8.000 muçulmanos. O território da Missão abarca uma zona periférica que se estende por 60 quilómetros na floresta e compreende cerca de 15.000 almas.

Os grandes animadores deste centro foram os Missionários do Espírito Santo, P. João Troupeau, falecido recentemente em Roma, e P. Leão Rallu, actual superior.

O P. Rallu conseguiu, em menos de dois anos, graças à colaboração de um engenheiro e de alguns benfeitores, construir uma bela igreja, moderna e funcional, com 30 metros por 20 e uma torre de 28 metros. O tecto é revestido de madeira de acácia.

Os problemas espirituais e sociológicos desta vasta paróquia africana são numerosos e complexos: destrabalização, desemprego, mendicância, prostituição, influência do Islão, urbanismo. No território de «Nossa Senhora da Fátima» funcionam mais três igrejas sucursais: Kpetevo, S. Matias e S. Miguel.

Actualmente cuidam do trabalho pastoral dois Missionários do Espírito Santo, um sacerdote indígena e três Combonianos (dois padres e um irmão). Estes últimos chegaram apenas há seis meses, a convite do arcebispo de Bangui. No futuro, com a chegada de outros companheiros, deverão tomar conta de toda a Missão.

FÁTIMA NA AMÉRICA

De 31 de Agosto a 2 de Setembro, realizaram-se no Santuário de Nossa Senhora da Fátima, em Ludlow, as grandes festas anuais em honra da Virgem da Fátima, que congregaram milhares de peregrinos luso-americanos vindos dos mais

diversos pontos dos Estados Unidos.

As cerimónias coincidiram, no dia 2 de Setembro, com a celebração do «Dia do Trabalho».

O programa deste ano, organizado por uma comissão paroquial à qual presidiu o respectivo pároco, Padre Dr. Manuel Rocha, estabeleceu para o dia 31, às dezasseis horas, missa vespertina, com terço e bênção do Santíssimo. Seguiu-se um típico arraial português com iluminações, música popular e fogo de artifício.

No domingo, missas na igreja de Nossa Senhora da Fátima, seguindo-se uma missa campal. À tarde, nos terrenos do Santuário, via-sacra com meditação, em cada uma das estações.

A banda do Grémio Lusitano de Ludlow deu um concerto sob a regência do maestro José Saloio, às 16 horas. Ao cair da noite, realizou-se a tradicional procissão das velas num extenso cortejo de milhares de pessoas. A procissão foi acompanhada pela banda do Grémio Lusitano e pelo coro de Nossa Senhora da Fátima. No final da procissão, o Dr. Ramiro Valadão falou aos peregrinos sobre «Fátima — Altar do Mundo».

A igreja de Ludlow foi a primeira numa série de templos construídos nos Estados Unidos pelos portugueses e luso-americanos em louvor de Nossa Senhora da Fátima. Paróquia fundada pelo P. Dr. Manuel Rocha, tornou-se o grande centro de irradiação do culto mariano para as comunidades portuguesas católicas do Leste norte-americano.

FÁTIMA NO CINEMA

Os círculos cinematográficos de Hollywood mostram-se de novo interessados na produção de uma grande metragem sobre as aparições de Nossa Senhora da Fátima.

O argumento seria extraído do livro do prof. William Thomas Walsh — que no convento das Doroteias, em Vila Nova de Gaia, entrevistou, antes de publicar esta obra, a Irmã Lúcia — e serviria de fundo musical o poema sinfónico «Fátima» do maestro catalão, já falecido, Marius Mateo.

Oxalá saia melhor do que o primeiro filme que os americanos fizeram.

Em: "Voz da Fátima", Santuário, 45 (553), 13 Out. 1968, p. 4, col. 3